

DECRETO N.º. 6686 de 18 de Setembro de 1981

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.º. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios Paulistas),

DECRETA:

Artigo 1º. - As ruas do "Conjunto Habitacional Padre Anchieta" ficam denominadas:

I - "RUA JOÃO COELHO" a Rua 1, prolongamento natural da Rua João Coelho, com início na rua do mesmo nome e término na divisa do loteamento;

II - "RUA PAPA SÃO LINO" a Rua 2, com início na Rua 107 e término na divisa do loteamento;

III - "RUA PAPA SANTO ANACLETO" a Rua 3, com início na Rua 107 e término na divisa do loteamento;

IV - "RUA SANTA LUZIA" as Ruas 4 e 27 do Jardim Aparecida - Distrito de Nova Aparecida, com início na Rua Alberto Bosco e término na divisa do loteamento;

V - "RUA PAPA SÃO CLEMENTE" a Rua 5, com início na Rua 107 e término na divisa do loteamento;

VI - "RUA ADÃO GONÇALVES" a Rua 6, continuação natural da Rua Adão Gonçalves, com início na rua do mesmo nome e término na divisa do loteamento;

VII - "RUA PAPA SANTO EVARISTO" a Rua 7, com início na Rua 108 e término na divisa do loteamento;

VIII - "RUA PAPA SÃO SISTO I" a Rua 8, com início na Rua 108 e término na divisa do loteamento;

IX - "RUA PAPA SANTO ALEXANDRE" a Rua 9, com início na Rua 108 e término na divisa do loteamento;

X - "RUA PAPA SÃO PIO I" a Rua 10, com início na Rua Dom Antônio Maria Alves de Siqueira e término na Rua Jurandir Ferraz de Campos;

XI - "RUA PAPA LEÃO V" a Rua 11, com início na Rua 108 e término na divisa do loteamento;

XII - "RUA AMANTINO DE FREITAS" a Rua 13, continuação natural da Rua Amantino de Freitas, com início na rua do mesmo nome e término na Avenida Cardeal Dom Agnelo Rossi;

XIII - "RUA PAPA SANTO ANICETO" a Rua 14, com início na Rua 108 e término na Avenida Cardeal Dom Agnelo Rossi;

XIV - "RUA PAPA SÃO VITOR I" a Rua 15, com início na Rua Dom Antônio Maria Alves de Siqueira e término na Rua Dom Augusto Álvaro da Silva;

XV - "RUA PAPA SÃO ZEFERINO" a Rua 16, com início na Rua Dom Augusto Álvaro da Silva e término na Rua Dom Antônio Maria Alves de Siqueira;

XVI - "RUA PAPA SÃO CALISTO" a Rua 17, com início na Rua 108 e término na Rua 101;

XVII - "RUA PAPA SANTO URBANO" a Rua 19, com início na Rua 100 e término na divisa do loteamento;

XVIII - "RUA PAPA SÃO FABIANO" a Rua 20, com início na Rua 100 e término na divisa do loteamento;

XIX - "RUA PAPA SANTO ANTERO" a Rua 21, com início na Rua 108 e término na Rua 101;

XX - "RUA PAPA SÃO CORNÉLIO" a Rua 22, com início na Rua 108 e término na Rua 101;

XXI - "RUA PAPA SÃO LÚCIO I" a Rua 23, com início na Rua Dom Augusto Álvaro da Silva e término na Rua Dom Antônio Maria Alves de Siqueira;

XXII - "RUA JOAO MENDONÇA" a Rua 24, continuação natural da Rua João Mendonça, com início na rua do mesmo nome e término na Rua Dom Augusto Álvaro da Silva;

XXIII - "RUA PAPA SANTO ESTEVÃO I" a Rua 25, com início na Rua 100 e término na divisa do loteamento;

XXIV - "RUA PAPA SÃO DIONÍSIO" as Ruas 26 e 101, com início na Rua Dom Augusto Álvaro da Silva e término na Rua 14;

XXV - "RUA PAPA SÃO FELIX I" a Rua 27, com início na Rua 28 e término na Rua 100;

XXVI - "RUA PAPA SÃO MARCELINO" a Rua 28, com início na Rua 27 e término na Rua 78;

XXVII - "RUA SÃO BARNABÉ" a Rua 29, com início na Rua 121 e término na divisa do loteamento;

XXVIII - "RUA PAPA SANTO EUZÉBIO" as Ruas 30 e 100, com início na Avenida Cardeal Dom Agnelo Rossi e término na Rua 78;

XXIX - "RUA PAPA SÃO SILVESTRE I" as Ruas 31 e 74, com início e término na rua 29;

XXX - "RUA PAPA SÃO MARCOS" as Ruas 33 e 102, com início na Rua Dom Aloísio Lorscheider e término na Rua Dom Humberto Mazzoni;

XXXI - "RUA PAPA SÃO JÚLIO I" a Rua 34, com início na Rua Dom Aloísio Lorscheider e término na Rua Dom Avelar Brandão Vilela;

XXXII - "RUA PAPA SÃO DAMASO I" a Rua 35, com início na Rua Dom Aloísio Lorscheider e término na Rua Dom Avelar Brandão Vilela;

XXXIII - "RUA SÃO TIMÓTEO" a Rua 36, com início na Rua Dom Carlos Schiarlo e término na Rua 102;

XXXIV - "RUA PAPA SANTO INOCÊNCIO I" a Rua 38 com início na Rua 83 e término na Rua 99;

XXXV - "RUA PAPA SÃO GELESTINO I" a Rua 39, com início na Rua 71 e término na divisa do loteamento;

XXXVI - "RUA PAPA FELIPE NERI" a Rua 40, com início na Rua Dom Carlos Schiarlo e término na Rua 102;

XXXVII - "RUA PAPA SANTO HORMIDAS" a Rua 42, com início na Rua 99 e término na Rua 83;

XXXVIII - "RUA PAPA SÃO JOÃO I" a Rua 43, com início na Rua 87 e término na Rua 83;

XXXIX - "RUA PAPA BONIFÁCIO II" a Rua 44, com início na Rua 71 e término na divisa do loteamento;

XL - "RUA PAPA SANTO AGAPITO I" a Rua 45, com início na Rua 87 e término na Rua 83;

XLI - "RUA PAPA SÃO SILVÉRIO" a Rua 46, com início na Rua 67 e término na divisa do loteamento;

XLII - "RUA PAPA VIRGÍLIO" a Rua 47, com início na Rua 87 e término na Rua 75;

XLIII - "RUA PAPA PELÁCIO I" a Rua 48, com início na Rua 67 e término na divisa do loteamento;

XLIV - "RUA PAPA SÃO GREGÓRIO" a Rua 49, com início na Rua 79 e término na divisa do loteamento;

XLV - "RUA PAPA SÃO DEUSDEDIT" a Rua 50, com início na Rua 83 e término na Rua 75;

XLVI - "RUA PAPA HONÓRIO I" a Rua 51, com início na Rua 67 e término na divisa do loteamento;

XLVII - "RUA PAPA TEODORO I" a Rua 52, com início na Rua 75 e término na Rua 88;

XLVIII - "RUA PAPA SÃO MARTINHO I" a Rua 53, com início na Rua 67 e término na divisa do loteamento;

XLIX - "RUA PAPA SANTO EUGÊNIO I" a Rua 54, com início na Rua 75 e término na divisa do loteamento;

L - "RUA PAPA SÃO SÉRGIO I" a Rua 55, com início na Rua 77 e término na Rua 88;

LI - "RUA PAPA SÃO ZACARIAS" a Rua 56, com início na Rua 75 e término na Rua 83;



LII - "RUA PAPA ADRIANO I" a Rua 57, com início na Rua 67 e término na divisa do loteamento;

LIII - "RUA PAPA SÃO PASCOAL I" a Rua 58, com início na Rua 67 e término na divisa do loteamento;

LIV - "RUA PAPA VALENTIM I" a Rua 59, com início na Rua 56 e término na Rua 60;

LV - "RUA PAPA SÃO NICOLAU I" as Ruas 60 e 75, com início na Rua 70 e término na Rua 88;

LVI - "RUA PAPA MARINO I" a Rua 61, com início na Rua 79 e término na divisa do loteamento;

LVII - "RUA NOSSA SENHORA DE LOURDES" a Rua 62, com início na Rua 67 e término na Rua 61;

LVIII - "RUA NOSSA SENHORA DA PENHA" a Rua 63, com início na Rua 71 e término na divisa do loteamento;

LIX - "RUA NOSSA SENHORA DO CARMO" a Rua 64, com início na Rua 71 e término na divisa do loteamento;

LX - "RUA NOSSA SENHORA AUXILIADORA" a Rua 65, com início na Rua 71 e término na divisa do loteamento;

LXI - "RUA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO" a Rua 66, com início na Rua 71 e término na divisa do loteamento;

LXII - "RUA NOSSA SENHORA APARECIDA" a Rua 67, com início na Rua 39 e término na Rua 63;

LXIII - "RUA NOSSA SENHORA DE GUALUPE" a Rua 68, com início na Rua 39 e término na divisa do loteamento;

LXIV - "RUA NOSSA SENHORA DA ABADIA" a Rua 69, com início na Rua 39 e término na divisa do loteamento;

LXV - "RUA NOSSA SENHORA DO AMPARO" a Rua 70 (circular), com início e término na Avenida Papa João Paulo II;

LXVI - "RUA NOSSA SENHORA DAS DORES" a Rua 71, com início na Rua 70 e término na divisa do loteamento;

LXVII - "RUA SÃO JOAQUIM" a Rua 72 (circular), com início e término em si mesma;

LXVIII - "RUA SANTO ANTÃO" a Rua 73, com início na Rua 93 e término na Rua 86;

LXIX - "RUA SANTA INÊS" a Rua 76, com início na Rua 70 e término na divisa do loteamento;

LXX - "RUA SÃO FRANCISCO DE SALES" a Rua 77, com início na Rua 52 e término na Rua 60;

LXXI - "RUA SÃO TOMÁS DE AQUINO" a Rua 78, com início na Rua 30 e término na divisa do loteamento;

LXXII - "RUA SÃO JOÃO BOSCO" a Rua 79, com início na Rua 49 e término na divisa do loteamento;

LXXIII - "RUA SÃO BRÁS" a Rua 80, com início na Rua 52 e término na Rua 55;

LXXIV - "RUA SANTA ÁGUEDA" a Rua 81, com início na Rua 30 e término na Rua 28;

LXXV - "RUA SANTA ESCOLÁSTICA" a Rua 82, com início na Rua 100 e término na divisa do loteamento;

LXXVI - "RUA SÃO CIRILO" a Rua 83, com início na Avenida Papa João Paulo II e término na Rua 88;

LXXVII - "RUA SÃO POILICARPO" a Rua 84, com início na Rua 30 e término na Rua 28;

LXXVIII - "RUA SÃO PATRÍCIO" a Rua 85, com início na Rua 47 e término na Rua 55;

LXXIX - "RUA SÃO FRANCISCO DE PAULA" a Rua 86, com início na Rua 47 e término na Rua 88;

LXXX - "RUA SANTO IZIDORO" a Rua 87, com início na Rua 42 e término na Rua 73;

LXXXI - "RUA SÃO MATIAS" a Rua 88, com início na Avenida Cardeal Dom Agnello Rossi e término na Rua 60;

LXXXII - "RUA SANTA RITA DE CÁSSIA" a Rua 90, com início na Rua 30 e término na Rua 28;

LXXXIII - "RUA SÃO LOURENÇO" a Rua 91, com início na Avenida Papa João Paulo II e término na Rua 28;

LXXXIV - "RUA SÃO TOMÉ" a Rua 92, com início na Avenida Papa João Paulo II e término na Rua 73;

LXXXV - "RUA SANTA BRÍGIDA" a Rua 93, com início na Rua 42 e término na Rua 88;

LXXXVI - "RUA SÃO TIAGO" a Rua 94, com início na Rua 32 e término na Rua 38;

LXXXVII - "RUA SÃO NORBERTO" a Rua 95, com início na Rua 30 e término na Rua 27;

LXXXVIII - "RUA SANTA CLARA" a Rua 96, com início na Rua 42 e término na Rua 88;

LXXXIX - "RUA SÃO HIPÓLITO" a Rua 97, com início na Rua 32 e término na Rua 38;

XC - "RUA SÃO BERNARDO" a Rua 98, com início na Rua 30 e término na Rua 27;

XCI - "RUA SÃO BARTOLOMÊU" as Ruas 99 e 32, com início na Rua 83 e término na Rua 88;

XCII - "RUA SANTO AGOSTINHO" a Rua 103, com início na Rua 40 e término na Rua Dom Humberto Mazzoni;

XCIII - "RUA SÃO JANUÁRIO" a Rua 104, com início na Rua 36 e término na Rua 33;

XCIV - "RUA SÃO MATEUS" a Rua 105, com início na Rua 26 e término na Rua 22;

XCIV - "RUA SÃO MATEUS" a Rua 105, com início na Rua 26 e término na Rua 22;

XCIV - "RUA SÃO MATEUS" a Rua 105, com início na Rua 26 e término na Rua 22;

XCVI - "RUA SÃO JERÔNIMO" a Rua 107, com início na Rua 1 e término na Rua 6;

XCVII - "RUA ALBERTO BOSCO" a Rua 108, continuação natural da Rua Alberto Bosco, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 26;

XCVIII - "RUA SANTA DEVICES" a Rua 118, com início na Rua 26 e término na Rua 23;

XCIX - "RUA SÃO JUDAS TADEU" a Rua 121, com início na Rua 70 e término na divisa do loteamento;

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

PAÇO MUNICIPAL, 18 de Setembro de 1981.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

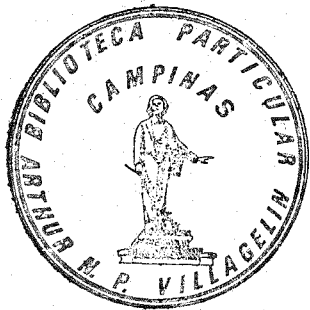
ENGO. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico - Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolo N.º 25737, de 7 de agosto de 1981, e publicado no Departamento do Expediente do Prefeito, em 18 de Setembro de 1981.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário - Chefe do Gabinete do Prefeito

OS MILAGRES DE N. SRA. DA PENHA

CONTINUAÇÃO



dindo piques, alabardas e partazanas refulgentes e, então, foi uma fuga desabalada até as praias, nos batéis, às chalupas e aos lancharques que os levaram para bordo... No dia 6, segundo uns, no dia 8 de novembro, segundo outros, os holandeses faziam-se na volta do mar...

Mas voltaram pela terceira vez e dessa outra foi o milagre, menos espetacular, porém de maior efeito. Vinham famintos e sequiosos das alfaias, pratarias e jóias do cenóbio. Desembarcaram à súbita dum navio pirata, "subiram o morro da Penha e surpreenderam o irmão Frei Francisco da Madre de Deus orando perante o altar de Nossa Senhora. Invadiram o convento. Alguns religiosos fugiram: Frei Francisco, porém, continuou imóvel, enquanto apontavam as armas e os inimigos saqueavam tudo. Mas, ao tentarem retirar a coroa e o manto da imagem, o religioso suplicou não o fizessem, — ele mesmo os tiraria, a fim de evitar tanta profanação. Um dos holandeses tentou arrancar o anel valioso da imagem, e não o conseguiu, nem mesmo cortar a mão e o próprio dedo da Virgem da Penha. Mas o herege se apossou do Menino Jesus e, diante das supplicas do frade, respondeu que levaria o Menino para o Recife, para brincar com outro que lá existia. Disse-lhe, então, o religioso: — Vai-te embora e lá verás os brincos que te hão de custar caro; este será o ultimo atrevimento dos teus companheiros no Brasil. Porque isto só bastava para castigo teu e dos mais!"

Bêca de praga! Os piratas na sua derrota para o Sul, tentando refrêscos em Cabo Frio, viram-se duramente atacados pelos índios. Tiveram de voltar logo ao Recife, onde encontraram em agonia o domínio de seus compatriotas feridos de morte nos Guararapes. Pouco depois, capitulavam e, conforme depõe Machado de Oliveira, alfaias, jóias, paramentos e pratarias do convento da Penha foram retomados, voltando para onde antes se encontravam.

Desta sorte, segundo o antigo e singelo cantar do povo:

Nossa Senhora da Penha
tem soldados a valer,
que lhe deu Nosso Senhor
p'ra seu povo defender.

Sobram razões, pois, às palavras setecentistas do famoso "Santuário Mariano" sobre os ataques holandeses ao Espírito Santo: "... e a Senhora os ajudou, de sorte que os holandeses foram tão destruídos que não se atreveram a tornar lá."

PORTA do convento da Penha quando entraram os piratas holandeses.

O CRUZEIRO, 15 de fevereiro de 1958



SECRETOS E REVELAÇÕES DA HISTÓRIA DO BRASIL

OS MILAGRES DE NOSSA SENHORA DA PENHA

Os três ataques holandeses ao Espírito Santo — A traça de guerra de Maria Ortiz — O milagre do Campinho — O saque do convento e o triste fim dos piratas

GUSTAVO BARROSO
(Da Academia Brasileira de Letras
— Diretor do Museu Histórico)

O DOMÍNIO holandês no Brasil ficou sempre entre estes dois pontos extremos: da embocadura do S. Francisco à foz do Amazonas. Conquistaram, pois, a costa de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, ocuparam algum tempo o Ceará e S. Luís do Maranhão, levantaram fortins em algumas ilhas do estuário do Rio-Mar. Não conseguiram, apesar de duas fortes tentativas, apoderar-se da Bahia. Ao Espírito Santo levaram dois ataques sem resultado e o terceiro com frutuoso botim. Mas não conseguiram firmar-se, o que tornaria grave a situação da cidade do Salvador, posta entre duas bases de operações do inimigo, uma ao norte e outra ao sul.

A primeira investida deu-se a 12 de março de 1625, quando a Bahia se achava em poder dos batavos, que dali seriam expulsos em maio seguinte. A 10 de março, as 8 velas do comando de Pieter Pietersoon Heyn, Vice-Almirante de Jacob Wllekens, que tomara a capital brasileira, surgiram na costa espírito-santense, aruviando os corações dos moradores da Capitania. Desde o ataque do pirata inglês Tomás Cavendish, em 1592, que viviam em paz. Dois dias após, os lanchões de desembarque lançavam às praias da Baía de Santa Luzia os soldados e marujos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais, guiados por um quinta-coluna, como hoje se diz, o flamengo Rodrigo Pedro, possivelmente judeu, casado com mulher portuguesa e conhecedor do terreno, pois vivera bastante tempo na terra capixaba.

Apesar do temor que devia causar o armamento empregado contra eles, os moradores da Vila da Vitória, decidiram resistir. Comandados pelo Donatário Francisco de Aguiar Coutinho, auxiliados pelos índios amigos, entusiasmados por Frei Manuel do Espírito Santo, que lhes mostrava o crucifixo, repeliram o primeiro assalto dos invasores, que se retiraram, enquanto os sinos tocavam festivamente. Novo ataque no dia 14, 300 homens trazidos dos barcos de guerra de Heyn, foi lançado por dois lados: pelo acesso principal à vila e pela rampa ou ladeira, depois chamada do pelourinho, mal defendida por uma pequena peça e poucos combatentes. O próprio Vice-Almirante avançava este último passo à frente de seus comandados, animando-os com sua presença.

Foi então que se deu o famoso episódio de Maria Ortiz. Esta valente mulher recorrendo a um meio de guerra muito usado outrora na defesa de castelos e cidades, pôs enorme tacho de água ao fogo e, quando o líquido começou a ferver, despejou-o ladeira abaixo sobre os atacantes, que recuaram como gatos escaldados. Os jesuítas da vila e os que para ela tinham vindo com Salvador de Sá muito contribuíram para a defesa de outros pontos. E os invasores tiveram de retirar-se com grandes perdas, reembarcando e indo, sempre guiados pelo tal Rodrigo Pedro, que morreria na empresa, atacar, saquear e destruir roças, engenhos e fazendas dos arredores.

Em 1640, dez anos após a conquista de Pernambuco, os holandeses voltavam ao Espírito Santo. Desta vez traziam poderoso armamento: 11 navios de guerra com grande força de desembarque sob o comando do Coronel Koen ou Koen, conquistador de Angola, assessorado pelo Conse-

heiro Newland. Há divergências quanto à data do feito. Rio Branco fixa-a em 28 de outubro e assim o descreve sucinta e claramente: "Distinguiram-se muito neste combate o Capitão Domingos Cardoso e o voluntário Antonio do Couto e Almeida, nomeado depois Capitão-mor. Na vila havia apenas duas peças (Koen dizia cinco), 30 fuzileiros, duas companhias de índios armados de arcos e flechas, e homens do povo armados de piques e chuços. O Coronel Koen atacou por diferentes pontos com 400 soldados e foi repellido em dois assaltos. Teve 60 mortos e 80 feridos. Entre os primeiros, o Capitão Wolff; entre os segundos, o então Major Hendrick van Hans (depois vencido em Tabocas, prisioneiro em Casa Forte e morto na primeira batalha de Guararapes) e os Capitães Tack e Bebetz. "Quase todos os oficiais foram mortos ou feridos; os soldados fugiram vergonhosamente duas vezes", disse o Coronel Koen. Depois de hora e meia de combate, desistiu do ataque".

Dois dias mais tarde, a 30 de outubro de 1640, Koen realiza novo desembarque, desta vez para se apoderar da Vila Velha e, naturalmente, ali se estabelecer para ulterior ataque a Vitória. Os Capitães Adão Velho e Gaspar Saraiva tentam impedir a operação, mas se vêem forçados a retirar-se diante dos consideráveis reforços mandados dos navios inimigos. Estes se apoderaram da vila. Mas o Capitão-mor João Dias Guedes, que antes valorosamente defendera a Vila Nova, vem em seu auxílio e os holandeses são forçados a evacuar a povoação, recolhendo-se à sua esquadra. Isto foi a 2 de novembro.

A ilustre historiadora capixaba D. Maria Stella Novais fornece outros informes ao episódio: "Um patacho, uma polaca e nove lanchões transportaram 600 a 700 homens, que desembarcaram no Porto das Roças Velhas, no dia 27 de outubro de 1640, e dividiram-se em colunas que se dirigiram para diversos pontos da Vila. Renhida desenvolveu-se a luta, corpo a corpo, ficando o solo coberto de cadáveres.

Distinguiu-se, porém, sempre a coragem dos habitantes de Vitória, dirigidos pelo Capitão Do-

mingos Cardoso e outras pessoas consideradas, como o Vigário Francisco Gonçalves Rios, Frei Geraldo dos Santos e Antonio do Couto e Almeida. Frei Geraldo recebeu um golpe de alabarda na cabeça e uma bala que, durante o resto da vida, o martirizou, porque se alojou numa das pernas. A luta mais uma vez foi tremenda; intrepidos e sagazes, porém, os capixabas, embora com sacrifícios incriveis, conseguiram expulsar o invasor. E surgiu um traço folclórico, para recordar a passagem tormentosa: — o caminho, que partia do Cais de S. Francisco para o centro da Vila e palmilhado pelos holandeses, naquele avanço de conquista, recebeu naturalmente do povo o nome de Rua do Fogo. Durante anos, mais de séculos, até, assim era indicada a atual rua Caramura".

Neste segundo ataque holandês ao Espírito Santo, segundo a tradição oral e escrita, se deu o Grande Milagre da Penha, que no Majestoso Convento desse nome um grande quadro de Benedito Calixto perpetua. Tendo os hereges tomado a Vila Velha, escalarão o íngreme e alto morro em cujo topo, como um castelo medieval, se alçadora o mosteiro de Nossa Senhora da Penha de França, o mais impressionante monumento do Brasil antigo. Seduzia-os a miragem de suas riquezas em obras de ouro e prata. O santuário franciscano estava deserto e a própria imagem da excelsa Padroeira fora retirada e posta a salvo com todo o cuidado. Subiram os mercenários de Jacob Koen as escansas ladeiras do monte e mal atingiram a esplanada que antecede o edifício altaneiro denominada Campinho, em uma de cujas extremidades se ergueram as ruínas da pequena ermida de Frei Pedro Palácios, seus olhos se esbugalharam de assombro: o convento transformara-se por encanto em ameada e segura fortaleza, coroada de soldados em armas, enquanto pela rampa que dela descia marchavam ao encontro dos invasores esquadões de cavalaria com as lanças faiscando, mangas de arcabuzeiros prontos a disparar suas armas, legiões de infantes bran-

Continua na página 63

OS HOLANDESES repellidos milagrosamente no convento da Penha — Quadro de Benedito Calixto.



no, 1 de Outubro de 1961

Vida Cultural Igreja e festa da Penha

Outubro que hoje se inicia, traz consigo a piedosa e pitoresca festa da Penha, de tantas tradições na cidade, que embora a modernização de seus costumes, ainda conserva o tradicional uso de comemorar ruidosamente a padroeira de um dos mais prósperos subúrbios da terra carioca.

Perde-se na mais remota antiguidade a lenda de Nossa Senhora da Penha, trazida do reino pelos portugueses.

João Ribeiro, mestre do folclore, já a ela se referiu, dizendo: "Em Portugal foi um fugitivo de Alcácer-Quibir que construiu a primeira ermida da Penha que logo excitou a romaria de fiéis. A palavra "penha" ou "pena" é céltica e designa um rochedo isolado e sobre tais relevos do solo é que é costume erigir as igrejas consagradas com essa invocação na península; assim também nas colônias. Aqui mesmo no Rio conservamos as duas variantes: Pena (em Jacarépaguá) e Penha, a graciosa ermida tão popular pelas suas romarias de outubro."

Essa ermida já não é mais a capelinha modesta que ali foi erigida em 1635, ou, segundo outros, em 1613.

Baltazar de Abreu Cardoso, então proprietário daquelas terras, foi quem teve a iniciativa de ali erigir a capelinha modesta, onde se iniciou entre nós o culto a Nossa Senhora da Penha.

A lenda do caçador que palmilhava aquelas brenhas, quando foi atacado por uma cobra e salvo por um lagarto ou jacaré, teria como personagem o próprio Baltazar, capitão português e depois vereador nesta cidade.

Cerca de um século durou a ermida tosca, até que em 1728 fundou-se a Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Penha de França, que promoveu vários melhoramentos na igreja, mandando cavar também, na rocha, os degraus que facilitavam a subida dos inúmerosromeiros.

Em 1871 resolveu a Irmandade demolir a igreja, a fim de ser substituída por outra mais ampla, de modo a melhor atender ao culto da padroeira, que crescera enormemente.

A igreja atual conserva as imagens de N.S. da Penha, S. José e S. Joaquim, Santana e N.S. Menina e ostenta duas torres.

Possui também, um batistério admirável, onde têm sido batizadas milhares de crianças.

A igreja é muito freqüentada durante todo o ano, pois são numerosas as promessas que se fazem a N.S. da Penha. Mas é em outubro que cresce a afluência dos fiéis, principalmente nos domingos do referido mês.

Numerososromeiros, nesses três séculos decorridos, têm buscado a igreja da milagrosa padroeira, para desobrigar-se dos votos feitos.

É uma festa popular por excelência, mais freqüentada antigamente pelos portugueses, mas hoje bem integrada nos costumes cariocas.

As romarias ruidosas enchem os domingos de outrora, seguindo os devotos para o arraial a cavalo, em carroças e carros enfeitados, depois nos trens da Leopoldina e nos bondes da Light e modernamente também em automóveis, pelas estradas e avenidas asfaltadas que se foram abrindo.

Já não domina o elemento português e hoje muitas escolas de samba e outras entidades modificaram aqueles festejos característicos, que lembravam os dias arraiais portugueses.

Mas a devoção da padroeira persiste com outros cancioneiros e danças, constituindo ainda umas festas mais expressivas do Rio.

N. C.



NOSSA SENHORA DO BRASIL (PENHA)

Há exatamente um ano os italianos — filhos da terra onde nasceu o catolicismo — adoram uma santa brasileira: Nossa Senhora do Brasil, que outra não é senão Nossa Senhora da Penha, nascida da adoração de um velho quadro da Virgem, trazido ao Brasil em 1558 por Frei Pedro Pacios, que na cidade de Vila Velha, no Espírito Santo, fez edificar sobre uma colina a Ermida da Penha.

A traslocação da santa brasileira para a Itália, na forma de uma réplica da imagem de Nossa Senhora da Penha, existente no Espírito Santo, tem uma história que começa há alguns anos, quando o padre italiano Danielo Caprotti chegou ao Brasil para radicar-se em Vitória.

Com a atenção despertada pelo grande movimento popular de fé na santa do Convento de Nossa Senhora da Penha, o padre Caprotti incorporou-se logo aos primeiros dias de Brasil àqueles que iam em romaria ajoelhar-se aos seus pés.

Diante da pequena imagem de madeira, de 76 centímetros de altura, o padre Danielo Caprotti teve um estremecimento: a expressão de doce melancolia e o porte de nobreza singela.

A beleza daquela imagem, levada para a Itália com o nome de Madona Della Penha, explicava o devotamento e veneração com que a gente simples se sentia atraída a caminhar de pontos distantes em romaria, até a colina em que frei Pedro Pacios fôra o primeiro a colocar sob a invocação da Virgem, quatro séculos antes.

A chegada à cidade italiana de Monza da réplica da imagem esculpida pelo técnico Carlos Crepaz de Oslieser, em setembro de 1958, transportada desde a cidade de Gênova, num helicóptero, foi uma consagração: o povo da colônia de Brumano correu às ruas e, quando o padre Danielo Caprotti fez a sua deposição nas mãos do Prefeito de Monza, as crianças começaram a aparecer com cestos de flores, numa primeira homenagem dos habitantes do próprio solo que viu nascer a Igreja, à santa com que o Brasil enriqueceria os seus altares.

Após a leitura, pelo padre Caprotti, das mensagens do Prefeito de Vitória, Sr. Adolfo Poli Monjardim e do Guardião do Convento de Nossa Senhora da Penha, do Espírito Santo, o povo de Brumano acompanhou a imagem pelas ruas da sua pequena cidade até o santuário onde ficaria exposta à sua adoração, primeiro sob o nome de Madona Della Penha, e, a partir do fim de 1958, sob o nome que lembra a origem: Nossa Senhora do Brasil.

(Denominação dada pelo Decreto nº 6686 de 18-setembro-1981, ítem LVIII, à Rua 63 do Conjunto Habitacional "Padre Anchieta, com início na Rua 71, atual Rua Nossa Senhora das Dores e término na divisa do loteamento).

Devoção da Penha

Data do Seculo XVII a devoção à Nossa Senhora da Penha. Em 1613 aquelas terras, onde está a igreja, na freguesia da Penha, foram cedidas a particulares, cabendo grande parte ao capitão Baltazar Abreu Cardoso. Da sua propriedade, fazia parte o rochedo, onde hoje assenta a Igreja da Penha.

Colocada à entrada da cidade, com o sorriso da Santíssima virgem aos que aqui chegam pela rodovia Presidente Dutra, visível também a quantos descem no aeroporto Internacional do Galeão, o Santuario da Penha é, por excelencia, o trono que Maria Santíssima escolheu no Rio de Janeiro e o Centro de sua devoção entre nós. A ela acorrem, principalmente, durante o mês de outubro, multidões não só dos varios bairros do Rio, mas ainda de outras cidades, para trazer à Santíssima Virgem, no alto do rochedo, a homenagem de sua devoção.

Numa placa colocada num dos corredores externos do Santuario da Penha, lemos o seguinte: "Este carrilhão foi adquirido na Exposição Nacional do 1º Centenario da Independencia do Brasil. Por especial deferencia e como prova de muita devoção à Virgem da Penha, Raphael de Abreu Sampaio Vidal, então ministro da Fazenda, dispensava à Irmandade dos direitos aduaneiros.

O Santuario de Nossa Senhora da Penha é agregado à Basílica de Santa Maria Maior de Roma.

Do ponto de vista historico parece não ser possível determinar exatamente a origem da Igreja de N. S. da Penha, sendo apenas conhecida a lenda do lagarto. Segundo a lenda, o capitão Baltazar, em suas andanças, talvez a caçar, pelas suas imensas terras, deparou com uma serpente prestes a atacá-lo. Num grito alucinante, chamou por N.S. da Penha. Imediatamente, surgiu gigantesco lagarto, travando-se violenta luta. Baltazar então aproveitou para fugir. Em agradecimento, mandou erguer, no alto do penhasco, uma capelinha dedicada à Nossa Senhora da Penha — sua protetora — que posteriormente deu origem à Igreja.

